

O Duplo em “Droenha”, de João Guimarães Rosa

Profa. Dra. Adelaide Caramuru CEZAR (UEL –
Universidade Estadual de Londrina)

RESUMO: Em “Droenha” (Tutaméia (*Terceiras Estórias*)), depara-se o leitor com o registro do duplo em diferentes instâncias: (1) no título do conto que no corpus se faz presente como “pedroenga”, sendo esta duplicidade possível de ser lida graças às últimas palavras registradas na narrativa: “pedra e brenha”; (2) no nome do protagonista, ser civilizado, Jenzirico, a ter seu duplo registrado no nome de personagem primitivo, Jinjibirro, que efetivamente pratica a ação antes tentada pelo personagem principal; (3) no nome dos oponentes, Zevasco e Tovasco, cujo vínculo com o protagonista já se deu anteriormente quando o narrador em terceira pessoa conta que Jenzirico pensava seu próprio nome enquanto realidade “vasqueira”.

PALAVRAS-CHAVE: João Guimarães Rosa; Tutaméia (*Terceiras Estórias*); “Droenha”; Duplo.

Introdução

“Droenha”, nona estória presente em *Tutaméia* (*Terceiras Estórias*) (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967), chama a atenção do leitor pelo título constituído por palavra não dicionarizada que, no entanto, possui, no corpo da narrativa, correspondente: “pedroenga”, “Droenga” e “pedroenga” são neologismos retomados ao final do conto, sendo, inclusive, as duas últimas palavras do texto: “pedra e brenha”. Considerando-se que “brenha” significa “matagal, mata espessa” (MARTINS, 2001. p. 81), pode-se concluir que “Droenha” se apresente como síntese de realidades opostas, pois, de um lado, está a umidade e fertilidade própria da “brenha”, assim como o perigo que representa, e, de outro lado, está a secura e esterilidade da “pedra”, bem como a segurança que propicia.

Diante da peculiaridade do título do conto e levando-se em consideração o fato de que ele vem após o prefácio “Aletria e Hermenêutica”, será aqui efetivada leitura do mesmo, atendo-se antes nos diferentes significados das palavras “aletria” e “hermenêutica” apontados por Nilce Sant’Anna Martins (2001, p. 20 e p. 263) em *O léxico de Guimarães Rosa*. A autora assim os registra:

ALETRIA. Aletria e hermenêutica é o título do primeiro prefácio de *Tutaméia* (I, 3/7). / Massa de farinha crua e seca, em fios muito delgados; tipo de macarrão popularmente chamado “cabelo de anjo”

(sent. Dic.). // Sent. Fig. Impreciso. Teria o A. pretendido um título jocoso (do tipo “latim macarrônico”) com estranha assimetria semântica? Teria inventado uma metáfora em que “aletria” representa sutilezas, finuras de ling., exigidoras de “hermenêutica” [interpretação do sent. das pals.]? Pode-se pensar também num homônimo neológico criado pelo A. com os elems. A- (pref.neg.) + letra + -ia = ‘privação da escrita’, ‘analfabetismo’.

HERMENÊUTICA. No título “Aletria e Hermenêutica” (T – I, 3/7). / Interpretação do sent. de pals., de textos sagrados ou leis. // F. fem. Substantivada do adj. **hermenêutico**.

Dentre os possíveis significados da palavra “aletria”, faz-se necessário que o leitor empreenda uma escolha. Considerando-se a palavra “hermenêutica” como dirigida ao receptor de *Tutaméia* (Terceiras Estórias), manifestando a maneira como a obra de arte literária deve ser lida, a palavra “aletria” atua como metáfora da obra de arte literária em si: realidade concreta estruturada por fio que se emaranha formando ninho acolhedor cujo objetivo consiste em alimentar, no caso, o espírito do leitor. Será a partir deste pressuposto que se empreenderá a análise e interpretação de “Droenha”: realidade labiríntica, acolhedora, a solicitar leitura semelhante àquela que é, por hermeneutas, efetivada no texto religioso e/ou jurídico. O texto será, pois, aqui tomado como matéria enredada a ser cuidadosamente desvendada.

1. Narrador não participante, porém conhecedor da realidade narrada

O narrador presente em “Droenha” não se identifica. Ele conta a estória de Jenzirico a partir do momento em que este é encaminhado pelo amigo Izidro à Serra – na estória, espaço onde se escondem aqueles que são fugitivos da justiça – por ter matado um homem, Zevasco. Situa-se ao lado do protagonista, conforme registra o emprego do advérbio “aqui” no terceiro parágrafo da estória, quando o narrador se refere ao seguro retorno do amigo de Jenzirico à Serra: “Izidro voltaria, certo, com mais coisas, conselhos, comida, pelo tempo que lhe cabia parar aqui” (ROSA, 1985. p. 50)¹. O narrador encontra-se, pois, no mesmo espaço em que se encontra Jenzirico: na Serra. Relata aquilo que presencia a partir da chegada do protagonista no espaço de fugitivos. Este não é o espaço natural do narrador, como também não é o espaço natural do protagonista. Ambos vivem, pois, no conto, a alteridade. Sendo homens da cidade, agora, por um acaso do destino, estão situados nos “arrabaldes do mundo” (p. 50).

Em momento algum o narrador é visto pelos personagens ou mesmo apresentado como um deles. Trata-se apenas de ser que narra. Embora sua narrativa se efetive em terceira pessoa, deixando claro o objetivado distanciamento, algumas vezes seu parecer sobre as ocorrências na vida do protagonista acaba por revelá-lo como ser concorde com a ordem e, até mesmo, chegado a conclusões filosóficas. Tal especificidade ocorre, por exemplo, nas seguintes passagens: “ninguém está a cobro da doideira de si e dos outros” (p. 50); “Zevasco, tranca-ruas, ele tivera de a tiro acabar, por própria justa defesa, é quando a gente se estraga” (p. 50); “Entortado espiava. De temer a gente tinha de fazer costume” (p. 51); “a gente tem de temer a gente” (p. 52); “Matar era a burra ação, tão

¹ As demais citações referentes a “Droenha” limitar-se-ão à indicação da página desta edição.

repentina e incerta, que fixe quase não se crê nem se vê, semelha confuso ato de espetáculo, procedido longe, por postizas mãos” (p. 52).

A Serra é apresentada pelo narrador como local a proporcionar prazer àqueles que lá se encontrem: “Desaprazível a Serra não era, piava o lindo-azul, jeojeou o bico-miúdo” (p. 51), ainda que perigosa: “embora convindo voltar: caçadores e seus cachorros freqüentavam os campestres das vertentes” (p. 51); (...) “a Serra avultava, esconderija, negando firmeza” (p. 52). Através da maneira como a ela se refere, o narrador revela-se como amante da natureza e, concomitantemente, capaz de situá-la no todo, no qual vê, de um lado, a periferia, onde se localiza a Serra, e de outro, pressupostamente, o centro, conforme se pode deduzir da seguinte colocação: “Mesmo a Serra estava nos arrabaldes do mundo” (p. 50). Ao efetivar a gradativa descrição do lugar onde se encontram, o narrador por vezes compara-o com espaços por nós conhecidos, pertencentes ao dia-a-dia de cada um e ao universo humano, ainda que este seja um espaço primitivo, de barbárie. Note-se a referência a “alpendre”, a “adro”, a “moradias” nas seguintes passagens: “Diante avistava penhasqueira, a pique, prateleiras de pedra. (...) Ali era um alpendre” (p. 50); “Precisava conhecer o situado: o chão, em que permeio os burgaus rareavam grama, o facheiro, cardos, tufo de barbacena e arnica cerrando o adro pedrento” (p. 51); “Jenzirico molhado se arrastou, doía de amedrontado, até a suas pedras moradias” (p. 53). Estes três períodos citados cumprem a função de mostrar como os seres da cidade, no caso o narrador e o protagonista, aplicam seu costumeiro olhar a realidades outras até então suas desconhecidas.

Os fatos da vida de Jenzirico são contados pelo narrador à medida que ocorrem. A presentificação do relato registra-se através de orações exclamativas e interrogativas. São estas construções que trazem ao texto a oralidade sempre presente na obra rosiana. Quatro são as orações exclamativas presentes em “Droenha”: (1) “Inda andou mais. Deu com miriquilho de vala, ajoelhou-se, bebia água e sol. Mas – no relancear – viu!” (p. 51); (2) “Houvesse aí reinados macacos, esses qualquer trem surripiam!” (p. 52); (3) “De novo o mocoal, pedreira cinzenta. – *Cooó! cooo...* – escutando” (p. 52); (4) “Porém, para repuxo e sobressalto. Viu, enfim, no sacudimento: aquele, o qual!” (p. 53). Dentre as frases exclamativas, duas registram a surpresa do protagonista frente ao que diante dele surge. Trata-se das orações de números 1 e 4. O narrador registra aquilo que Jenzirico ouviu tal qual aconteceu, ou, ao menos, tal qual crê que tenha acontecido. A oração de número 3 limita-se ao registro do ruído dos mocós ouvidos pelo protagonista e registrado pelo narrador. A oração de número 2, no entanto, é reveladora do fato de que o narrador está com o protagonista, relatando os fatos à medida que estes acontecem. Assim sendo, esta oração exclamativa revela que o narrador, neste momento de seu relato, acredita que quem roubou o paletó do protagonista foi um macaco e não o duplo do personagem Jenzirico, Jinjibirro, conforme será revelado mais adiante. O narrador está, pois, com o personagem e só descobrirá a presença do outro, do *alter*, quando o personagem, tomado de terror, o vir e conscientizar-se da efetiva existência do mesmo.

Sete são as orações interrogativas registradas na estória: (1) “Desregulado enxergara, a sombra, assomo de espectro?” (p. 51); (2) “Os homiziados outros prosperavam quilombo, em confim de macegal e matos, velhacutos; tivesse um o ousio de aqueles ir procurar, por companhia?” (p. 52); (3) “Teria disposição de repetir morte?” (p. 52); (4) Então, ele mesmo era quem tinha espirrado?” (p. 52); (5) “Tão então. – *Matei, sim...* – gritou, padecidamente, confessava: ter atirado no perverso Zevasco, que na rua escura o agredira, sem eis nem pois; e fugido, imediato, mais de

nada se certificando... Escutasse-o o ermo, ninguém?” (p. 53); (6) “Semelhante homem – trajado sabido, enchapelado – de suspapés, olhava-o, bugiava?” (p. 53); (7) “Izidro e Pedroandré, eram os dois, mesmo montando mulas: - *Que há?* “Introduzido nos capins o achavam” (p. 53). A sétima oração interrogativa citada é o registro da pergunta feita naquele momento pelo protagonista, assinalando mais uma vez a presentificação do relato, ou seja, o narrador conta os fatos à medida que os vê. Os demais casos nos são apresentados de maneira ambígua. Não é possível discernir se é o caso de interrogação feita apenas pelo narrador, dirigindo-a a si mesmo e ao leitor, ou se é o caso do registro do narrador de interrogação feita pelo protagonista a si mesmo. O fato é que, como no caso das orações exclamativas, as interrogativas trazem ao texto a costumeira oralidade característica da obra rosiana.

Pode-se, pois, concluir que o narrador presente em “Droenha” é um ser fictício cuja função na narrativa consiste no relato dos fatos da vida do protagonista Jenzirico desde que este foi encaminhado à Serra depois de acreditar ter assassinado Zevasco. Revela-se na estória como alguém situado com o protagonista, caracterizando-se, pelas palavras que emprega, como ser oriundo da cidade, estando, como o protagonista, circunstancialmente, na Serra. Ainda que haja o constante registro da situação desconfortável de Jenzirico na Serra, o narrador em terceira pessoa revela-a como lugar aprazível, dando destaque à beleza do espaço. Por vezes ultrapassa os limites impostos pela terceira pessoa e acaba por dar parecer pessoal a respeito dos fatos vivenciados pelo personagem. Dado tal fato, pode-se afirmar que o distanciamento do narrador em terceira pessoa é, em verdade, um dado dissimulado, uma vez que os comentários e as conclusões com os quais permeia todo relato registram seu posicionamento participativo.

2. A Serra: pedra e brenha

O primeiro parágrafo de “Droenha” situa o leitor no tempo e no ambiente da estória. Concomitantemente, este mesmo parágrafo sutilmente prenuncia fatos que aí ocorrerão:

Amanhecendo o sol dava em desverde de rochedos e pedregulhos, fazia soledade, de repente, silêncio. Ventava, porém. Era ali lugar para pasmos; estava-se também perto das nuvens. Ele é que não podia retroceder. Voavam gaviões. Jenzirico nunca imaginara ter de matar um homem e vir se esconder na Serra (p. 50).

A narrativa inicia-se ao amanhecer, embora haja nela registros de fatos precedentes que foram determinantes para a efetivação daquilo que será relatado. “Rochedos e pedregulhos” constituem o ambiente no qual a ação se inicia. No parágrafo citado, “rochedos e pedregulhos” são apresentados como realidades de “oposição, negação, falta” (HOUAISS, 2001. p. 947), no caso, de verde, conforme conota o neologismo “desverde”, sendo necessário lembrar que a cor verde é aquela do renascer, do recomeçar a conduzir às flores e frutos próprios da vida que, pelo que tudo indica, não ocorrerão em “Droenha”. O emprego de “desverde” prenuncia uma poética que operará por extração, melhor dizendo, por constante processo subtrativo, antecipando recorrência de palavras construídas com o prefixo “des”: “depassou” (p. 50), “desenrolado” (p. 50), “desaprazível” (p. 51), “desregulado” (p. 51), “desagrado” (p. 52), “despercebia” (p. 52), “desconheceu” (p. 53), “desaparecido” (p. 53), “desassombro” (p. 53) e o constante processo de perda de peças de roupas e utensílios

pelo protagonista como a marcar a passagem do universo civilizado, de onde provém, ao universo primitivo, para onde é gradativamente conduzido. A negatividade, a saída do mundo do centro, do “mundo sueto” (p. 54), onde estão aqueles que não transgrediram, ainda se faz presente nas palavras “soledade” e “silêncio” presentes neste primeiro parágrafo.

A palavra “pasma”, registrada a seguir, situa as ações subtrativas antes apontadas - subtração de vida, de cor, subtração de roupa, subtração de convivência, subtração de sons - na interioridade, na intimidade do protagonista. Convém, para melhor compreensão do papel da palavra “pasma” no período analisado, recorrer ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 2142), onde a referida palavra aparece com os seguintes significados:

Pasma *s.m.* (s.XV cf FichPM) 1. sentimento de espanto, surpresa diante de algo que não se espera; admiração, assombro 2 perda dos sentidos; desmaio. ETIM lat.tar. *pasmus*, f. dissimulada do lat.cl. *spasmus*, der. Do gr, *spasmós, oú* ‘ação de puxar a espada; agitação violenta, convulsão; ver *pasm.* f. hist. sXV *prasma*. SIN/VAR ver sinonímia de *êxtase*. HOM *pasmo* (fl.pasmar).

Excluindo o sentido denotativo presente no grego, “ação de puxar a espada”, todos os outros, vindo desde o grego, “agitação violenta”, “convulsão”, passando pelo latim, “dissimulada”, e pelo português atual, “perda dos sentidos”, “desmaio”, “sentimento de espanto”, “surpresa diante de algo que não se espera”; “admiração”, “assombro”, indiciam forte ação interior, revolucionando o mundo íntimo. Tais significados aplicam-se ao mundo do personagem, Jenzirico, do narrador que está a seu lado e, certamente, do leitor, que tomará conhecimento do ocorrido com Jenzirico pela mediação do narrador. Espera-se, pois, dado este primeiro parágrafo do conto, um processo subtrativo a acarretar convulsão íntima.

Estes fatos anunciados no primeiro parágrafo do conto ocorrerão na Serra, onde se encontra Jenzirico depois de ter saído de seu “mundo sueto” (p. 54) porque acreditava ter cometido ato transgressor: o suposto assassinato de Zevasco. Assim sendo, a Serra, sempre registrada com letra maiúscula, constitui-se como mundo outro, instituindo-se em oposição ao mundo conhecido do personagem, do narrador e, talvez, do leitor. A Serra, enquanto “montanhitância” (p. 52), é o lugar para onde se vai quando se quer fugir do instituído. Lá se situam apenas transgressores da lei. Ela é apresentada em “Droenha” da seguinte maneira: “A Serra avultava, esconderija, negando firmeza. As estrelas mesmas se aproximavam” (p. 52).

Acontece que a Serra, o espaço outro, onde o protagonista vive a alteridade que lhe foi imposta, possui em si dois espaços completamente distintos: (1) o das pedras e (2) o das brenhas.

O espaço das pedras é onde se encontra Jenzirico até praticamente o final da narrativa. Seu situar-se neste espaço é no texto justificado: “Precavia-se ficando no limpo do pedregal” (p. 51). Este espaço não se apresenta como agradável: “De dia o calor, na regência do sol, as fragas amareladas alumiam, montanhitância, só em madrugada e tardes se sofria o enfrio e vento” (p. 52). Neste espaço Jenzirico vive o medo dos habitantes da brenha, sejam eles os caçadores ou os “homiziados outros” (p. 52) sejam eles seus próprios fantasmas:

Salteado avançou derredor os vultos pedrouços, seguia o que não via, por trás de qualquer instante, inimigo o observava. O chão nenhuma calcadura marcava, aquele nem era chão, pedroenga, ondeonde os chatos cactos, dependuradas as vagens secas da tipuã, o jacarandá-de-espinho balançando douradas grandes flores (p. 52).

O espaço das brenhas é onde se encontram os fugitivos outros: “os homiziados outros prosperavam quilombo, em confim de macegal e matos, velhacutos” (p. 52). Também aí se encontram aqueles que podem descobrir o protagonista e até mesmo feri-lo: “caçadores e seus cachorros freqüentavam os campestres das vertentes” (p. 51). Neste espaço da brenha, onde estão os outros que ao protagonista podem fazer mal, encontra-se, no entanto, o mais perigoso de todos os outros, Jinjibirro, aquele que gradativamente rouba as roupas e os utensílios da civilização de que se serve Jenzirico neste mundo outro, distante do seu conhecido “mundo sueto” (p. 54): o chapéu, a faca, a espingarda, o paletó, as alpercatas. É este ser escondido nas brenhas que conduzirá o protagonista do mundo das pedras ao mundo das brenhas, pois, ao final da narrativa, Izidro e Pedroandre encontrarão o personagem “introduzido nos capins” (p. 53), estando ele agora naquela condição antes vivenciada por Jinjibirro: “Por trás de buranhém e banana-brava, um homem, nu, em pêlo” (p. 52).

Acontece, no entanto, que o espaço da brenha é repleto de árvores, de pássaros, de canto, opondo-se ao mundo das pedras, que é apresentado como seco, frio, habitado por cobras, pela agourenta acauã, pelo enorme gavião-roxo a agadanhando os frágeis mocós tão amedrontados quanto Jenzirico. É, no entanto, neste mundo das pedras que o protagonista crê-se seguro. É lá que ele raciocina, que se dá conta de que seu nome é “vasqueiro, demais despropositado” (p. 51). Em oposição, é no mundo das brenhas que Jenzirico vai aprendendo uma nova forma de olhar, um olhar que não se caracteriza pelo “desverde” presente no primeiro parágrafo, quando o protagonista se encontra nas pedras, mas pelo “verdear” “com luz de astúcia” (p. 51), quando se encontra nas brenhas:

De pau em-pé, só se notando ainda candeias, bolsas-de-pastor, alguma que uma tipuana. Pássaros cantavam feito sabiás, vai ver sabiás mesmos. Em mente de olhos ele aprendia o caminho, ali era já chão mole, catou para provar mangabas caidiças. Entanto estranhava o que avistava – não o feitio dos espaços, mas o jeito dele mesmo enxergar – afiado desenrolado. Até assim ramas e refohagem verdeando com luz de astúcias. Agora, altas árvores” (p. 51).

São estes dois opositivos espaços constituintes da Serra - lugar para onde foi enviado o protagonista após transgressão no “mundo sueto” (p. 54) – que dão nome à narrativa, conforme registra Nilce Sant’Anna Martins (2001, p. 176):

DROENHA. Título de conto (T-X, 41/50). ND. // O voc. pode ser uma criação do A. resultante da combinação da síl. final de **pedra** (com mudança de vogal) e de **brenha**, pals. que aparecem juntas no passo – *no meio da serra, em pedra e brenha* (T-X, 44/53). Encontra-se ainda o adj. cognato **pedroenga**.

3. Jenzirico Vasqueiro: Jenzirico e Jinjibirro

Jenzirico é homem da cidade. Encontra-se circunstancialmente na Serra porque acredita ter matado Zevasco, “tranca-ruas” (p. 50). Cada vez que tal pressuposto assassinato é registrado em “Droenha”, ele ocorre de maneira a mostrar que para Jenzirico não havia alternativa além de matar o arruaceiro que contra ele investira. Tal dado deve-se ao emprego reiterado da expressão “ter de” para cada registro do ato praticado pelo protagonista quando contado pelo narrador: “Jenzirico nunca imaginara ter de matar um homem” (p. 50); “Zevasco, tranca-ruas, ele tivera de a tiro acabar, por própria justa defesa” (p. 50).

Estas colocações feitas pelo narrador, “ter de matar” (p. 50), “tivera de a tiro acabar” (p. 50), são, no adiantado da narrativa, quando Jenzirico se encontra desprovido dos escudos da civilização – chapéu, alpercatas, roupas, espingarda, faca – “nu, em pêlo” (p. 52), em momento de grande desespero, assumidas pelo próprio protagonista que, sem justificativas, afirma: “ – *Matei, sim ...*” (p. 53). A breve confissão do personagem efetivada em primeira pessoa é seguida pela retomada da narração em terceira pessoa do restante da confidência do personagem, cuidando ainda o onisciente narrador de situar a confissão do protagonista no ermo em que se encontrava:

Tão então. – *Matei, sim...* – gritou, padecidamente, confessava: ter atirado no perverso Zevasco, que na rua escura o agredira, sem eis nem pois; e fugido, imediato, mais de nada se certificando... Escutasse-o o ermo, ninguém? Clamou, assim mesmo alto e claro falou, repetia, o quanto de si mesmo o livrasse, provia algum perdão (p. 53).

Neste momento de reconhecimento do ato praticado, no qual domina o medo, a “vergonha da solidão” (p. 53), no qual o protagonista “remexia no podre dos pensamentos” (p. 53), não há mais a expressão justificativa “ter de” da qual anteriormente se falou. Esta expressão é substituída pela oração categoricamente afirmativa: “ter atirado no perverso Zevasco” (p. 53).

O anterior emprego de “ter de” a justificar o ato de Jenzirico quando na cidade dá ao relato a marca de um universo dividido. De um lado, situa-se Jenzirico, o representante do bem, aquele que foi obrigado a praticar uma má ação. De outro lado, situa-se Zevasco, irmão de Tovasco, o representante do mal, aquele que obrigou o representante do bem a praticar uma má ação. Assim sendo, na cidade houve o confronto entre o “eu” e o “outro”, o confronto entre o *idem* e o *alter*. Jenzirico situa-se, pois, de um lado, Zevasco e Tovasco, por sua vez, situam-se de outro lado.

Acontece que, quando na Serra, em situação de perigo, o protagonista dá-se conta de que seu nome mantém contato com o nome de seu oponente:

Precisava de conhecer o situado: o chão, em que permeio os burgaus rareava grama, o facheiro, cardos; tufos de barbacena e arnica cerrando o adro pedrento. De lá devia um pouco descer. Sobrestado, tardador, quis escolher qual rumo, mão em arma. *Jenzirico...* – ele súbito se advertiu, vez primeira atentava em seu nome, vasqueiro, demais despropositado. Se benzeu, sacou de ombros, tudo sucedia por modo de mentira” (p. 51).

O emprego da palavra “vasqueiro”, significando “escasso, raro, difícil de encontrar” (MARTINS, 2001. p. 518), também significando “que causa náuseas, ânsias, vascas” (HOUAISS, 2001. p. 2833), aplicada ao nome de Jenzirico, aproxima este personagem de Zevasco e Tovasco. A aproximação faz-se pela sonoridade das palavras, sendo necessário aqui lembrar afirmação de João Guimarães Rosa a Günter Lorenz (1973, p. 345), por ocasião do Congresso de Escritores Latino-Americanos, ocorrido em Gênova, em 1965: “Sou precisamente um escritor que cultivava a idéia antiga, porém sempre moderna, de que som e sentido de uma palavra pertencem um ao outro”.

A aproximação estabelecida pela palavra “vasqueiro” entre o personagem Jenzirico e seus oponentes Zevasco e Tovasco fortalece a hipótese da presença do duplo no conto, pois a duplicidade já antes existente entre o homem bom e os homens maus assume nova configuração, colocando um dentro do outro, o que equivale dizer que eles são idênticos e diferentes ao mesmo tempo. A duplicidade antes exterior, uma vez que colocava lado a lado Jenzirico e Zevasco/Tovasco, agora passa a interior, dado o fato de Zevasco, o arruaceiro, passar a existir dentro do próprio Jenzirico, “vasqueiro”. Curiosamente, será a partir do momento em que o personagem tomar consciência de tal fato que aprenderá uma nova maneira de “enxergar”, maneira astuciosa, conforme registra o parágrafo que sucede ao momento do reconhecimento:

Em mente de olhos ele aprendia o caminho, ali era já chão mole, catou para provar mangabas caidigas. Entanto estranhava o que avistava – não o feitio dos espaços, mas o jeito dele mesmo enxergar – afiado desenrolado. Até assim ramas e refolhagem verdeando com luz de astúcias. Agora, altas árvores (p. 51).

A partir deste reconhecimento e da assunção da competência de “enxergar” (p. 51) “com luz de astúcia” (p. 51), Jenzirico, homem provido de espingarda, faca, alpercatas, chapéu, paletó..., começa a ter miragens e a gradativamente perder os objetos que o mantêm vinculado ao mundo civilizado. Associa a primeira miragem que tem a “sombra, assomo de espectro” (p. 51), sendo ambas, “sombra” e “espectro”, imagens advindas do mundo do insólito, do fantasmagórico, da subjetividade colocada em risco. É como se, em sua indignação, em sua insegurança determinada pelo desterro que se auto impôs, Jenzirico sentisse necessidade de um “outro”, de um *alter ego* que registrasse, através da nudez, a solidão, o silêncio, o medo que o dominam, ou seja, a nudez psíquica, o desamparo em que se encontra. Vendo este outro “nu, em pêlo” (p. 51), nada mais vê do que a si mesmo que, no entanto, enquanto ser racional, não quer deixar vir à tona. Esta primeira miragem presente em “Droenha” aparece na seguinte passagem:

Inda então andou mais. Deu com miriquilho de vala, ajoelhou-se, bebia água e sol. Mas – no relancear – viu! Desregulado enxergara, a sombra, assomo de espectro? Por trás de buranhém e banana-brava, um homem, nu, em pêlo (p. 51).

Contra esta miragem o ser racional se rebela e categoricamente nega a existência da mesma: “Virava falseio, divago, a visão de antes” (p. 51). Os objetos que vão sendo gradativamente perdidos (roubados) têm logo uma pronta explicação racional. Ao sumiço do chapéu atribui “pouca sorte” (p. 51). Os possíveis “reinadios macacos” (p. 52) são responsabilizados pelo desaparecimento do paletó. Num processo gradativo de

tentativa de ilusão, o narrador, registrando o pensamento de Jenzirico, chega a atribuir o “espirito humano” (p. 52) escutado pelo personagem ao próprio personagem, estando neste momento como que a duvidar da capacidade do protagonista apreender os fatos da realidade. É como se o narrador, que está com o protagonista e que compactua sua visão de mundo, preferisse Jenzirico surdo a vê-lo acreditando em “sombra, assomo de espectro” (p. 51). A racionalidade é, pois, afirmada até onde ela se faz possível, rompendo-se, no entanto, quando nas brenhas, na “água-de-grota” (p. 53), Jenzirico vê-se completamente desprovido de qualquer marca do universo civilizado, deparando-se então, de maneira segura, frente ao outro, ao seu *alter ego* que, no entanto, parece partir para não mais voltar:

Viu, enfim, no sacudimento: aquele, o qual! Semelhante homem – trajado sabido, enchapelado – de suspapés, olhava-o, bugiava? O indivíduo – solerte vivo de curiosidades. Ia investir. Mas inesperado se afastou, com passos, expedido, campou no mundo. Virou o já acontecido (p. 53).

Frente ao experimentado, Jenzirico deseja a morte. Este desejo é transferido aos mocós, animais sempre presentes na narrativa, registrando a desproteção do protagonista. Os mocós aparecem seis vezes em “Droenha”: (1) “Das fendas do paredão, a intervalos, apareciam pequenos entes, à espreita, os mocós” (p. 50); (2) “Os mocós assoviavam sumindo-se nas luras”; (3) “Desagrado eram os guinchos dos mocós, por igual agadanhados, no bico das águias aves” (p. 52); (4) “O mocó, bicho esquisito, que sai a meio de entre pedras: - *Có, có, có...* – sem defesa” (p. 52); (5) “Tornado a si, após, Jenzirico tiritou, variava de querer qualquer calhau pontudo ou um pau: pelos mocós, que à noite descem das frinchas pedredas para caminhar, os coelhos-ratos” (p. 53); (6) “Jenzirico pedia o de se revestir e voltar para o mundo sueto, ciente só de mais fortes fazeres, trouxesse um mocó, por estripar, trem único que aqueles dias caçara num dali e dalém, coitado, alto, no meio da Serra, em pedra em brenha” (p. 54).

Atentando aos dois últimos surgimentos destes animais na narrativa, nota-se que, no caso do quinto, ele se aplica ao sentimento de ira que toma conta de Jenzirico quando se dá conta de que o outro, seu *alter*, parte, depois de ter-se apossado de seus pertences. Se até então havia na narrativa busca da racionalidade, repentinamente o insólito dela toma conta e, frente à nova situação, só resta a Jenzirico raivosamente investir contra os animais a metaforicamente registrarem sua vida que, às escondidas, vinha se efetivando. Tomado pela raiva, o protagonista “variava de querer qualquer calhau pontudo ou um pau: pelos mocós, que à noite descem das frinchas pedredas para caminhar, os coelhos-ratos” (p. 53). O insólito, sempre negado, domina, finalmente, a estória e, estupefato, o leitor não consegue compreender o encadeamento (ou desencadeamento) dos fatos e nem sequer o “retorno do tempo” que é então afirmado:

Até que, a retorno do tempo, chamavam-lhe o nome. Izidro e Pedroandré, eram os dois, mesmo montando mulas: - *Que há?* Introduzido nos capins o achavam. E diziam o desassombro: Zevasco não morrera, na ocasião. – *Agora, sim...* – morto estava. Sujeito sandeu aparecera, direto para o exterminar, a toda a lei. Semelhante antigo homem, um Jinjibirro, em engraçadas encurtadas roupas, chapelão; o que, de havia muitos anos, levava sumiço, desertor serrão,

revel por intimado de crime, ainda que se sabendo, depois, que nem não era o exato assassino.

- *Tovasco vingou o irmão, à faca ainda pegou o estúrdio reaparecido, o derribou, porém se foi também, com muito barulho...* De vez e revez, os terríveis estavam terminados (p. 53).

Frente a esta nova situação que, no entanto, desde o início de “Droenha”, vinha se oferecendo como possível, só resta ao personagem o retorno à normalidade, trazendo do estranho mundo em que por algum tempo viveu um mocó, ser que, em verdade, o metaforiza. Repleto de ira contra si mesmo, resta ao personagem o ataque ao animal e, com sadismo, tirar-lhe as tripas, de maneira a projetar no outro, seu verdadeiro parceiro, seu *alter ego* imbecil, “bocó”, como sonoramente a denominação do animal leva a ler, a violência por tanto tempo contida.

Conclusão

“Droenha” traz em seu título implícita a questão central da narrativa: a duplicidade pedra/brenha; racionalidade/instinto; civilizado/primitivo; *logos/mythos*. Analiticamente houve neste trabalho tentativa de resolução desta duplicidade, sendo a mesma, no entanto, frustrada. O que restou foi a pergunta dirigida por Riobaldo a seu interlocutor (ROSA, 2001. p. 80):

Por que era que eu estava procedendo à tôa assim? Senhor, sei? O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrando noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

“Aletria”, realidade concreta labirinticamente construída a solicitar leitor hermeneuta a se posicionar humildemente frente à obra de arte literária, no caso, o conto rosiano, atuou, de acordo com afirmativa do pseudo-autor criado por Rosa no primeiro prefácio de *Tutaméia* (Terceiras Estórias), “Aletria e Hermenêutica” (1985, p. 7), “qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência”. “Droenha”, vista como “aletria”, desempenha, pois, tal qual uma anedota, a função da “graça”, podendo ser esta concebida não apenas como “gracejo”, mas também como (1985, p. 7) “atrativo” ou “dom sobrenatural”. A partir dela há a atração pela busca a conduzir, talvez, à transcendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LORENZ, Günter. **Diálogo com a América Latina**: panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia** (Terceiras Estórias). 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.